

I. Introdução

Na atualidade é quase impossível pensar a organização da vida sem um celular com acesso à internet, mesmo que em momentos pontuais. A comunicação aligeirada e a avalanche de “fazeres” e informações por minuto. Esta transformação já é sentida e vivenciada por parte majoritária da população em diversos ciclos da vida. Com as pessoas nascidas na “era digital” isso se torna ainda mais incisivo e quase que “impossível” uma vida sem telas. Esta é uma realidade que todos estão habituados, entretanto, para além da quantidade do uso, os limites importantes para uma vida “saudável” e não refém das telas, é necessário refletir criticamente sobre os impactos sociais de maneira alargada que a revolução tecnológica e digital empregou aos grupos sociais. Considerando, desta maneira, a mutação histórica em que o fomento das tecnologias digitais, da informação e comunicação trouxeram à organização da vida, tanto na esfera produção, quanto na esfera da reprodução social, objetiva-se com o presente trabalho refletir sobre a natureza e reflexos da Revolução Tecnológica frente aos determinantes da vida coletiva e relações sociais no capitalismo, considerando este um sistema desigual e produtor de violências sociais por sua gênese e, não obstante intensificadas com a tecnologização.

II. Objetivos

Este ensaio tem como objetivo contribuir com a ampliação da temática de tecnologia dentro das profissões das ciências humanas e sociais, sobretudo, estimular, através de evidências, o olhar para as vulnerabilidades no que tange à tecnologia e públicos segmentados na sociedade de classe, visto que os avanços tecnológicos estão a atender o interesse das classes dominante, e, em contraponto, o acesso, letramento e o manejo com segurança está majoritariamente associado a esta mesma classe.

III. Metodologia

O presente ensaio teórico, buscou, a partir de base bibliográfica e documental, elementos que corroborem com o descortinamento da visão reducionista aos determinantes individuais do fenômeno da sociedade na era tecnológica, bem como à relacionada à perspectiva romantizada de considerar a tecnologia como solucionismo de demandas coletivas, entendendo estes determinantes estruturais e desiguais. Utilizou-se do materialismo histórico dialético, entendendo ser o método que tem condições de dar subsídios para a analisar os dados a partir da perspectiva crítica necessárias aos fatores contraditórios da sociedade de classes, e as mutações do capitalismo, para compreender

os impactos e, sobretudo, evidenciar que a tecnologia enquanto um subproduto do capital e, desta forma, reprodutora de seus intentos.

IV. Desenvolvimento

1. Sociedade tecnologizada enquanto avanço do processo excludente e violento do capital

A violência é inerente ao sistema capitalista e seus processos de evolução, sobretudo pelo fato que “[...] a sociedade capitalista é uma sociedade dividida em classes sociais, ou seja, há uma minoria privilegiada e uma maioria explorada e oprimida que apenas se mantém nessa situação por meio do uso permanente da violência” (NETTO; BRAZ, 2006 e LESSA, 2008 Apud MARTINS E JUNIOR, 2018, p. 222). Tais determinantes ocorrem de maneira ainda mais incisiva e explícita, reconhecendo as violências cotidianas de pessoas que vivem a realidade dos indicadores sociais;

Essa violência é ocasionada pelo capitalismo, pois ele cria oportunidades e bens para uma determinada classe social, enquanto outras ficam à margem da sociedade. De acordo com os autores, essa fragmentação gerada pela desigualdade, prolifera à violência e a criminalidade, que de maneira mortal atinge, comunidades, nações e grupos vulneráveis socialmente e economicamente.

Se a violência faz parte da estrutura da sociedade, ela não se faz diferente no contexto tecnológico e os seus cibern-espaços, visto que a população que é atingida pelas desigualdades sociais e econômicas não fica atrás nesse espaço.

No decorrer da história a sociedade capitalista sofreu várias mutações e revoluções, que acarretaram mudanças na sociedade, com intuito de expandir a absorção do lucro nas relações de produção. Dentre essas mutações compreende-se a Revolução Tecnológica, uma das mais contemporâneas transformações e com grande mutação da ordem até então estabelecida, ela vem sendo usada como um dos instrumentos peculiares da reprodução da violência. Deve-se pensar que a produção tecnológica e seus avanços só são estimulados para atender as demandas do capital e não os interesses sociais e coletivos,

O modo capitalista de produção é o primeiro a colocar as ciências naturais à serviço direto do processo de produção, quando o desenvolvimento da produção proporciona, diferentemente, os instrumentos para a conquista teórica da natureza. A ciência logra o reconhecimento de ser um meio para produzir riqueza, um meio de enriquecimento. (MARX, 1980, Online).

A 4ª revolução industrial - conhecida como a revolução tecnológica - provoca inúmeras mudanças na vida cotidiana da população - em sua maioria atinge à classe

trabalhadora, transforma as relações de produção e impacta profundamente a reprodução da vida social.

[...] o momento histórico no qual progressivamente todo e qualquer processo estabelecido entre, de um lado, o conteúdo das relações sociais produzido no e pelo trabalho, e de outro, as formas deste conteúdo ser vivenciado pelos indivíduos na experiência da vida em sociedade, pode ser digitalmente automatizado, desde o chão de fábrica até o escritório ou a sala de estar. (ARAÚJO, 2022, p. 25).

É necessário reconhecer que estes movimentos societários fazem parte da dinâmica do capitalismo e por este motivo expressam demandas que implicam enquanto multifacetadas da violência da sociedade do capital e no contexto contemporâneo, acometem nas expressões da questão social.

Vieira Pinto (2018), cientista social que reflete sobre o advento tecnológico no âmbito da sociedade capitalista, sinaliza que a humanidade vivencia uma relação ambígua com a tecnologia, onde se divide entre o encantamento dos recursos disponibilizados e, por outro lado, à sujeição na esfera de dominação na sociedade do capital.

O uso de celulares e computadores, faz com que sofra consequências no desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas. Vale ressaltar que embora exista esse acesso e uso eles estão associados a manutenção das desigualdades da estrutura social capitalista “[...] se de um lado a tecnologia vem avançando e produzindo inovações cada vez mais notáveis, de outro, elas não estão plenamente disponíveis ao conjunto da população, que se vê, em sua maioria cerceada do acesso aos frutos das inovações tecnológicas. (VELOSO, 2011, p. 33). Ainda de acordo com o autor, “exclusão digital” não é um fenômeno novo, ele reitera ainda mais o lugar de exclusão dos indivíduos que foram/são excluídos dos processos sociais.

O processo de urbanização digital ora em curso no Brasil demanda, além de infraestrutura técnica e suporte econômico, a oferta de serviços adequados à realidade sociocultural dos usuários do país. A fim de propor soluções efetivas de inclusão digital que considerem as várias dimensões desse processo [...]. (OSÓRIO; ÁVILA; PICCOLO, 2015, p. 216).

2. Serviço Social e o universo digital: a dimensão educativa como uma das oportunidades diante do contexto cibernético?

Como dito anteriormente, a sociedade tecnológica emprega expressa transformação na sociedade, não de seus intentos, mas na intensidade e sutileza de seus intentos. Com essas mudanças que o capitalismo emprega ao seu intento de expansão, ocorrem muitas transformações na esfera da vida, sobretudo na da classe trabalhadora.

[...] de um lado, o conteúdo das relações sociais produzido no e pelo trabalho, e de outro, as formas deste conteúdo ser vivenciado pelos indivíduos na experiência da vida em sociedade, pode ser digitalmente automatizado, desde o chão de fábrica até o escritório ou a sala de estar. (ARAÚJO, 2022, p. 25).

As mídias sociais se configuram como ferramentas de controle do capital por meio da tecnologia, que utilizam canais especializados para controlar as massas, por meio da indústria cultural e avanços digitais. Essas transformações avançam e transfiguram a forma de viver de diferentes faixas etárias e âmbitos sociais, onde influência nos processos de ensino-aprendizagem, nas relações e condições de trabalho, ficando difícil de pensar uma sociedade sem tela.

Diante destas desigualdades e o contexto violento que as sociedades de classe sofrem, o profissional de Serviço Social precisa estar atento às demandas contemporâneas do capital como forma de resistência e fortalecimento.

No que se refere à gênese da profissão, a mesma perpassa pela caridade, da manutenção do estado capitalista, até a necessidade de se posicionar em um lado da sociedade, lutar por justiça social com a classe trabalhadora é de extrema necessidade às possíveis transformações.

[...] o Serviço Social é um trabalho especializado, expresso sob a forma de serviços [...]. O assistente social é, nesse sentido, um intelectual que contribui, junto com outros inúmeros protagonistas, na criação de consensos na sociedade. Falar em consenso diz respeito não apenas à adesão ao instituído; é consenso em torno de interesses de classes fundamentais, sejam dominantes ou subalternas [...]. (IAMAMOTO, 2013, p. 69).

A profissão possui um forte caráter sociopolítico, crítico e interventivo que utiliza dessas expressões para transformar a realidade utilizando as políticas públicas e justiça social.

Com todas as transformações sociais e o acirramento das vulnerabilidades impostas pelo capital com o avanço tecnológico, o trabalho exercido pelo profissional assistente social se aproprie mais ainda do potencial educativo e perpassa todas as esferas do trabalho, com o intuito de criar uma dimensão educativa emancipadora que tenha uma perspectiva revolucionária. Quando recorre-se a Paulo Freire, entendemos a perspectiva “libertadora” como as práticas educativas que consideram as trocas de saberes que se fundamentam na igualdade e liberdade. Além disso, os indivíduos envolvidos no processo construam uma consciência crítica e reconheçam sua identidade (social e cultural).

As mudanças societárias contemporâneas exigem que o profissional se prepare para novas demandas, essas transformações resultam em novos elementos que expressão a problematização da sociedade. Segundo Yasbeck (2009), todas as demandas sociais, incluindo às contemporâneas, sinalizam desafio de ampliação ao fazer profissional do assistente social, sobretudo, a sua compreensão e apropriação. Desta maneira, é necessário pensar, aproximar e aperfeiçoar o olhar crítico do Serviço Social frente ao contexto digital, sobretudo às perspectivas de “inclusão digital” e o fazer da dimensão educativa de seu trabalho.

Ao falar sobre inclusão digital, não se refere apenas a saber usar o equipamento eletrônico, mas, além disso, compreender os riscos e os determinantes associados à vida digital.

Com base nessa conceituação de inclusão digital, para ir além da barreira de disponibilidade de acesso é necessário lidar com as questões associadas às necessidades e habilidades cognitivas, físicas, motoras e psicológicas individuais para uso da tecnologia. Fatores esses relacionados com os níveis de usabilidade, acessibilidade e inteligibilidade. (OSÓRIO; ÁVILA; PICCOLO, 2015, p. 223).

Uma consciência crítica do contexto tecnológico pode auxiliar a uma dimensão educativa articulada, com perspectiva participativa, emancipatória e includente, diante das possibilidades de mediação do sistema vigente. A análise de conjuntura, juntamente com essa dimensão educativa, permite que o profissional estimule a classe trabalhadora a observar as desigualdades sociais e tecnológicas e busque maneiras de igualar.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto, pode-se observar que a desigualdade social que atinge a população trabalhadora implica diretamente na desigualdade tecnológica. Com o avanço da tecnologia o trabalho do/da assistente social é requisitado a ser adaptado, sobretudo, a considerar tais determinantes enquanto condicionantes de uma consciência de sociedade, não obstante, em reconhecê-la enquanto extensão das vulnerabilidades que acomete à população, que necessitam buscar novos meios para contornar esses novos desafios contemporâneos sem fugir da essência da profissão.

VI - REFERÊNCIAS

ABREU, M. M. **Serviço Social e a organização da cultura:** perfis pedagógicos da prática profissional. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, W, P. **Marx e a indústria 4.0:** trabalho, tecnologia e valor na era digital. In: Revista Katálysis, Florianópolis.v. 25. n.1, p. 22-32. jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/kQHYDzr9wpjWSMWjhpQGnWd/>>. Acesso em: 10 maio 2023.

CARDOSO, F. G.; MACIEL, M. **Mobilização social e práticas educativas.** Brasília: UNB, 2000, p. 139-149 (cadernos Capacitação em Serviço Social e Políticas Sociais, módulo 4).

CFESS- Conselho Federal de Serviço Social. Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais. Aprovado em 15 de março de 1993. Com alterações introduzidas pelas resoluções CFESS n. 290/94 e 293/94. Brasília,1993

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINS, K. O; JUNIOR, F. L. Ideologização da violência no capitalismo: contribuições da psicologia da libertação de Martín-Baró. In: **Gerais**, Rev. Interinst. Psicol. vol.11 no.2, Belo Horizonte jul./dez.2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110204>> Acesso em: 17 fev. 2024

MARX, K. **Capital e tecnologia:** manuscritos de 1861-1863. Tradução: Fernando A. S. Araújo. 1988. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1863/mes/tecnologia.htm>>. Acesso em:10 de mai. 2023.

OSÓRIO, A. F. S.; ÁVILA, I. M. A.; PICCOLO, L. S. G. Experiências de governo eletrônico inclusivo como motivador da inclusão digital. In: BRAGA, D, B. **Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social:** possibilidades e contradições. São Paulo: Cortez, 2015.

VELOSO, R. **Serviço Social, tecnologia da informação e trabalho.** São Paulo: Cortez, 2011.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

YAZBEK, M. C. Os fundamentos históricos e teórico metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In. **Serviço Social:** direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. Disponível em: <http://cressrn.org.br/files/arquivos/ZxJ9du2bNS66joo4oU0y.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2023.